

UMA CONSTRUÇÃO TRANSDISCIPLINAR PAUTADA NA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Sandra Regina Ramalho e Oliveira, Prof^a. Dr^a. CEART – UDESC
Sandra Conceição Nunes, mestranda PPGAV - UDESC
Maria de Lourdes de Azevedo, bolsista de iniciação científica do PIBIC/CNPQ- UDESC
Cristine Medeiros Esmeraldino, bolsista de iniciação científica do PIBIC/CNPQ- UDESC

RESUMO

Este artigo relata aspectos acerca do Projeto de Pesquisa TRANSARTE, desenvolvido em escolas públicas e particulares no município de Florianópolis, mas precisamente, sobre a segunda fase da aplicação dessa proposta – denominada TRANSARTE II. Tal proposta de ensino de Arte está baseada na Semiótica Discursiva e consiste em testar uma abordagem transdisciplinar que seja capaz de relacionar três linguagens da arte: Artes Visuais, Música e Artes Cênicas¹. Diversas dificuldades reduziram a proposta de transdisciplinaridade para interdisciplinaridade. Entretanto, os resultados obtidos dos estudantes são muito animadores, se considerados os desempenhos nos pré e pós-testes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Arte. Transdisciplinaridade. Intersemioses.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2004 vem se tentando aplicar uma proposta transdisciplinar nas escolas no município de Florianópolis a partir da pesquisa Intersemioses e Transdisciplinaridade no Ensino da Arte que, posteriormente, passou a ser chamada de Projeto TRANSARTE. As diversas tentativas, em diferentes contextos ocorreram devido aos resultados, sempre estimulantes, de cada etapa concluída. Diante disso, foram realizadas três etapas do Projeto TRANSARTE, denominadas: TRANSARTE I, TRANSARTE II e TRANSARTE III, este último em fase de finalização.

A aplicação do Projeto TRANSARTE nas escolas é resultado de uma construção coletiva de aulas de Arte, onde professores de diferentes linguagens da arte elaboram as aulas buscando relacionar três linguagens distintas: Artes Visuais, Música e Artes Cênicas; tendo como base a Semiótica Discursiva.

A primeira etapa do Projeto, chamada TRANSARTE I, foi realizada em uma escola pública federal, com alunos de uma primeira série do Ensino Médio durante o primeiro semestre de 2005. Os resultados dessa intervenção atestaram que os alunos conseguem estabelecer as intersemioses. Entretanto, a transdisciplinaridade foi reduzida à interdisciplinaridade. Diante destes fatos, surgiu a necessidade de testar a proposta em outro contexto escolar, que resultou na segunda etapa, denominada TRANSARTE II, desenvolvida no ano de 2006 também em uma escola pública, só que da rede municipal.

O projeto TRANSARTE surgiu para tentar discutir e analisar um problema, que acontece na maioria das escolas brasileiras: uma diversidade de *linguagens* (Arte Visuais, Música e Artes Cênicas) em uma mesma disciplina escolar – ARTE. Isto se caracteriza como um problema em toda escola que só possui um professor de arte, formado em uma única linguagem artística.

Como alternativa para resolver este problema, o Projeto TRANSARTE buscou desenvolver, a partir dos três eixos propostos pela Proposta Curricular de Santa Catarina e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais: fazer (ou criar) formas artísticas, fruir (ou ler) e refletir (ou contextualizar), as inter-relações entre as diferentes linguagens da arte; mas tendo como proposta de partida a leitura de imagens, pretendendo assim, possibilitar ao aluno a leitura das diferentes linguagens artísticas e estéticas de modo inter-relacional, onde os princípios e paradigmas utilizados para a compreensão de uma determinada linguagem seria a base para o entendimento de fenômenos análogos em outras.

O objetivo deste Projeto, portanto, é testar uma abordagem transdisciplinar baseada na Semiótica Discursiva, correlacionando Artes Visuais, Música e Artes Cênicas, áreas pertinentes ao ensino de Arte, entendendo que os conteúdos e práticas das três linguagens possam “atravessar-se” mutuamente, estabelecendo e percebendo analogias e distinções entre si, capaz de estender tais percepções para as vivências cotidianas. Assim, a Proposta TRANSARTE tem a intenção de ser não apenas inter (entre) áreas, mas transdisciplinar. Isso exige não apenas um planejamento conjunto entre professores, mas encontros

permanentes, para que todos acompanhem a prática dos demais, avaliando, sugerindo, até mesmo ensinando, reciprocamente, em uma atitude de construção coletiva e solidária.

No tocante ao conceito de transdisciplinaridade estudou-se Basarab Nicolescu (2002), Antoni Zabala (2004) e os brasileiros Melo, Barros e Sommerman (2002); quanto à interdisciplinaridade Ana Mae Barbosa (1984). Outras fontes teóricas foram buscadas, destacando-se os princípios semióticos de A. G. Greimas e seus seguidores (fundamentos), D. Pignatari (poesia e arquitetura), A. C. Oliveira (linguagem visual) e J. Plaza (intersemioses); em artes visuais, F. Ostrower, R. Arnheim, W. Kandinsky; M. Schaefer (música) e P. Pavis (teatro).

Tal Proposta transdisciplinar tem como base a Semiótica Discursiva, pois esta possibilita o entendimento da produção estética e artística como um tipo especial de “linguagem”, possuindo em comum, entre outros aspectos, o plano de expressão e o plano de conteúdo. Como parâmetros ou categorias de análise: texto, plano de expressão (que se “subdivide” em elementos constitutivos e procedimentos relacionais) e plano de conteúdo, os quais variam de “linguagem” para “linguagem”. De acordo com tais preceitos, a aplicação da Proposta TRANSARTE proporciona uma visão integrada de três linguagens artísticas trabalhadas, propiciando aos alunos o trânsito entre as mesmas.

Adotou-se como método a aplicação da Proposta em escolas do ensino formal, sua observação, registro fotográfico e análise da auto-avaliação dos alunos com base em pré e pós-teste.

Verificou-se que, tanto no TRANSARTE I como no TRANSARTE II, os alunos conseguem estabelecer relações entre as linguagens; porém, em ambas as etapas, a maior dificuldade foi formar um grupo de professores para planejar e avaliar todo o processo.

TRANSARTE II

Inicialmente é importante definir os termos. A transdisciplinaridade, para efeitos desta pesquisa, é entendida no sentido de todos os professores articulados transitando em todos os âmbitos da área de Arte. Diante disso, a pesquisa se desenvolveu a partir das seguintes etapas metodológicas:

Primeiramente, houve a formação de uma equipe interdisciplinar de professores da rede pública estadual e municipal de Florianópolis, com encontros quinzenais durante o primeiro semestre de 2006, para discutir a base teórica e metodológica. Ao longo desta etapa, os professores da rede estadual foram deixando de freqüentar os encontros, sobrando três professores da rede municipal.

Tais professores, juntamente com a coordenadora da pesquisa, prof^a Dr^a Sandra Ramalho e Oliveira e com as bolsistas PROBIC, elaboraram um Roteiro Básico Articulador de Conhecimentos (ROBAC), para ser adotado, com flexibilidade, nas aulas de todos, roteiro este que articulava as três linguagens da arte, Era uma orientação geral comum, porém flexível às particularidades e preferências de cada professor. Durante a aplicação do ROBAC, o grupo de professores e pesquisadores foi replanejando e avaliando o desenvolvimento das aulas, bem como foi feito o registro visual e verbal das atividades realizadas.

No início do segundo semestre deu-se a aplicação das aulas planejadas. Destes três professores envolvidos, só uma professora, formada em artes visuais, aplicou a proposta, em duas turmas da sexta série da Escola Básica Osvaldo Machado, Município de Florianópolis. Cabe destacar que, tais alunos só tiveram professor de Arte com formação específica a partir da quinta série, sendo este da área de Artes Visuais. A escola está situada em Ponta das Canas, ao Norte da Ilha. A comunidade desta localidade, originalmente formada por pescadores e trabalhadores braçais, foi atingida pela escalada do turismo e pela explosão imobiliária que assola a Ilha nas últimas décadas.

Assim, dando início a aplicação da abordagem foi realizada a avaliação preventiva - o pré-teste, consistindo em uma "leitura", com descrição verbal, escrita e individual realizada pelos alunos, de uma propaganda televisiva da Coca-Cola. Tal propaganda tinha a duração de 30 segundos que, por solicitação dos alunos, foi assistida três vezes para assim realizares o pré-teste. Na seqüência, foram sendo desenvolvidas as aulas planejadas em conjunto pelos professores das três linguagens nos encontros realizados quinzenalmente.

Tais aulas tiveram como ponto de partida o estudo da linguagem visual, devido a formação da professora que estava aplicando a proposta; e à medida que elas se desenrolaram, foram feitas as relações com as outras duas linguagens: música e artes cênicas. O eixo comum entre as linguagens se deu a partir do estudo dos elementos constituintes e da análise da estrutura básica de cada uma, visto que devido ao pouco tempo – seis meses, não se conseguiu abranger os procedimentos relacionais. Cabe destacar, que além das análises das diferentes linguagens, os alunos também criaram produções: visuais/plásticas, cênicas e sonoras. Ao longo desta etapa metodológica, a professora introduziu um novo instrumento de coleta de dados que foi o diário de bordo; nele cada aluno fazia suas anotações e reflexões sobre os conteúdos estudados, atividades realizadas e análises feitas, enfim, registraram o processo de aprendizagem.

Finalizada a aplicação da proposta foi realizada a avaliação somativa, consolidada no pós-teste, que por sua vez consistia na leitura, pelos alunos, da mesma imagem utilizada no pré-teste. Mais uma vez a propaganda da Coca-cola foi assistida por três vezes para que depois fossem feitos os registros.

Por último, a professora introduziu mais um instrumento de coleta de dados, solicitando aos alunos uma auto-avaliação do processo de construção de seus conhecimentos durante o semestre, tendo como base a comparação das análises do pré e no pós-teste. Estas análises comparativas foram consideradas a principal fonte de dados para a pesquisa.

Em termos de variáveis, além da própria abordagem metodológica, existiam diferenças entre as duas turmas em que foi aplicada a Proposta. Embora as aulas fossem ministradas pela mesma professora, as duas turmas, sobre as quais recaiu a pesquisa, estudavam em períodos distintos, ou seja, matutino e vespertino, e em dias da semana diferentes.

Foram usados como técnica de coleta de dados para esta pesquisa qualitativa: a observação sistemática, os testes e a análise de seus conteúdos. As observações realizadas foram anotadas em caderno de campo e as aulas foram ainda fotografadas. Os testes, utilizados na pesquisa, seguiram o entendimento de Lakatos e Marconi (1999), como testes de *rendimento* (ou de conhecimentos), consubstanciados em pré e pós-teste.

A análise dos conteúdos deu-se sobre a auto-avaliação realizada pelos alunos avaliando e comparando seu desempenho no pré e pós-teste. O procedimento adotado para a análise de conteúdo foi a classificação segundo categorias, focando na construção do repertório imagético dos alunos nas três linguagens da arte.

RESULTADOS

Assim como no TRANSARTE I, o TRANSARTE II não conseguiu articular a transdisciplinaridade; limitou-se a uma abordagem interdisciplinar, embora os conteúdos fossem planejados e avaliados de 15 em 15 dias, contando sempre com a participação ativa de professores de Artes Visuais, Artes Cênicas e Música. Esta é a diferença entre a inter e a transdisciplinaridade: para haver interdisciplinaridade são necessárias as trocas entre as três áreas envolvidas, neste caso; mas para haver transdisciplinaridade, todos os três professores teriam que estar aplicando a proposta em suas respectivas salas de aula, cada um centrado na sua área específica. Daí se considerar que houve interdisciplinaridade, mas não transdisciplinaridade: os professores não aplicavam a proposta em sala de aula, um por não ter turmas e a outra por ter se

engajado em meio ao processo, o que impediu a transdisciplinaridade. Apenas a professora de Artes Visuais aplicou a proposta, sempre subsidiada por um professor de música e um professor de artes cênicas, que durante o processo foi substituído por uma professora.

Entretanto, a dificuldade para reunir professores foi inversamente proporcional aos resultados obtidos com os alunos, em ambas as etapas do TRANSARTE. Como ocorrido no TRANSARTE I, os resultados obtidos com os alunos no TRANSARTE II superaram as expectativas. Considerando-se que a experiência se deu em apenas um semestre, bem como o contexto em que estão inseridos os sujeitos utilizados como amostra, ou seja, em uma escola pública municipal, com alunos que têm pouco acesso à arte. Como estudar conteúdos relacionados às artes cênicas se nenhum deles havia assistido sequer uma peça de teatro na vida? Não obstante, os dados registrados em observações dos pesquisadores, fotografias, desenhos, textos, pré e pós-teste, na auto-avaliação e no diário do bordo dos alunos, demonstraram que eles conseguem, com facilidade, estabelecer relações entre as “linguagens”.

A partir da análise do texto elaborado pelos alunos (auto-avaliação), onde se deu a reflexão do seu próprio desempenho no pré e pós-teste, foi feita, de acordo com as suas falas, uma classificação em categorias, que são as seguintes:

1 - consciência da ampliação do repertório: 20 observações. Exemplos: “No segundo eu entendi...” (Aluno C); “Na primeira folha só falei besteira (...) Na segunda folha já coloquei a maioria dos itens já estudados. Teve muita mudança.” (Aluno M).

2 – uso do repertório: 14 observações. Exemplos: “.... porque eu podia ver que tinha linha, cor, narrador, etc.” (Aluno A); “Eu poderia ter escrito sobre luz artificial (...) poderia ter botado a textura, a luz, cor.” (Aluno K); “... instrumentos musicais, narrador, ensaio (...) ponto, linha, luz, som.” (Aluno R).

3 – consciência da importância da ampliação do repertório na expressão: 13 observações. Exemplos: “Na primeira análise tinha muito menos coisas para botar, porque eu não sabia de nada ainda, mas depois eu ia saber. (...) Eu acho que melhorou tudo ou quase tudo, eu botei um monte de coisas que eu aprendi.” (Aluno P); “Na primeira avaliação eu falei se o programa era legal (...) na segunda eu já coloquei todos esses elementos que a professora ensinou...” (Aluno R).

4 – percepção de distintas linguagens na publicidade televisual: 12 observações. Exemplos: “Eu consegui falar o que eu acho de música, teatro e artes visuais.” (Aluno C); “Na primeira folha eu não falei sobre as três linguagens diferentes.” (Aluno M).

5 – ampliação da dimensão do texto verbal: 8 observações: “A primeira teve poucas linhas e a segunda não.” (Aluno E); “Eu acho que eu fiz a segunda análise melhor porque eu me expressei mais.” (Aluno S).

6 – percepção de diferenças na mesma linguagem: 2 observações: “Cada som tem um toque diferente e alguns têm o som igual.” (Aluno G); “... linhas que tinha (reta, curva, etc.) ...” (Aluno X).

7 – reconhecimento da necessidade de uma análise mais detalhada: 11 observações: “Poderia ter feito esquemas sobre a propaganda” (Aluno K); “Na segunda eu fiz alguns desenhos, a imagem da coca-cola, no segundo desenho eu botei como a música foi.” (Aluno Q).

Por outro lado, os diários de bordo, sugeridos pela professora da turma, constituem-se em outra fonte de dados; porém seu conteúdo não foi analisado como dados de pesquisa. Entretanto, uma observação em uma folha do diário, que bem exemplifica as intersemioses percebidas pelo aluno, entre a “linguagem” visual e a “linguagem” audiovisual, merece ser aqui destacada: “Às vezes a novela fica chata. Chata como uma linha reta que não tem fim e não pára de correr.”

CONSIDERAÇÕES

Na aplicação da Proposta constatou-se que ela possibilita e auxilia na leitura de imagens sincréticas; percebeu-se, na análise dos dados obtidos, que após o desenvolvimento da proposta metodológica, os alunos realizaram a leitura da imagem (propaganda televisiva) com maior propriedade, conseguindo assim melhor apreensão dos elementos significantes e avançando no alcance do significado dos textos estéticos.

A auto-avaliação feita pelos alunos, possibilitou que percebessem a ampliação de seus conhecimentos, assim como a consciência da importância do enriquecimento de seu repertório estético e da importância destes conhecimentos para a apreensão das imagens.

No TRANSARTE II, assim como no TRANSARTE I, não se conseguiu desenvolver uma proposta transdisciplinar; porém alcançou-se a interdisciplinaridade, que foi concebida com base em princípios semióticos, inter-relacionando as três linguagens da arte: Música, Artes Cênicas e Artes Visuais. Portanto, conseguiu-se estabelecer as intersemioses, atestando que os alunos conseguem perceber paralela ou simultaneamente – ou seja, em relação - os fenômenos estéticos que se estruturam nas “linguagens” distintas (visual, cênica, audiovisual, sonora).

Diante dos dados obtidos na aplicação da Proposta, pode-se constatar que a maior dificuldade foi conseguir reunir os professores, fator indispensável para haver a transdisciplinaridade. Para que isso aconteça é necessário que ocorram algumas mudanças na postura destes profissionais, pois sem adesão, compromisso e disponibilidade fica cada vez mais difícil proporcionar aos alunos novas formas de se relacionarem com a arte, como leitores e produtores. Porém, para atingir o objetivo do projeto de pesquisa, é preciso que aconteça, ainda, a participação de profissionais das três áreas da Arte aplicando a Proposta em suas aulas concomitantemente.

Há uma dicotomia nos resultados: ao passo que é tão conseguir trabalhar transdisciplinarmente com professores, os resultados obtidos dos alunos, ainda que de modo interdisciplinar, são surpreendentes.

Percebeu-se que o sistema educacional público vigente revela-se incapaz de gerar as transformações que se fazem prementes na instituição Escola. Seja pelo piso salarial da classe, que obriga os docentes a assumirem uma jornada de trabalho cada vez maior, a fim de obterem os recursos necessários à sobrevivência (refletindo-se na escassez de tempo disponível da categoria para atualização e troca de seus saberes e para o planejamento das aulas); seja pela não oportunização e facilitação de cursos de atualização de conhecimentos.

Observou-se ainda, que os professores não dispõem de recursos financeiros para a aquisição de bibliografia, materiais educativos, inscrição em cursos de atualização e, obviamente, para visitação e freqüência a eventos artísticos, fator este, essencialmente relevante na construção da subjetividade do professor de Arte.

Os motivos acima expostos demandaram a busca de uma escola particular para implementar novamente a Proposta, experimentando-a em outra realidade, dando seqüência ao TRANSARTE III. Tendo em vista que esta nova etapa da pesquisa encontra-se em andamento, nenhum dado sobre a mesma foi levantado neste artigo.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação: Conflitos/Acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

ARNHEIM, R. *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*. Trad. de Yvonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira/ USP, 1986.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GREIMAS, A. J. & J. COURTÉS. "Semiótica Figurativa e Semiótica Plástica". Trad. de Ignácio Assis da Silva. *Revista Brasileira de Semiótica*. São Paulo: ABS, n. 4, jun. de 1984.

KANDISNKY, W. *Ponto, Linha, Plano*. Lisboa: Edições 70, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MELO, M. F.; BARROS, V. M.; SOMMERMAN, A. "Transdisciplinaridade e Conhecimento". In: *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: TRIOM, 2002.

NICOLESCU, B. "Contracapa". In: *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: TRIOM, 2002.

PAVIS, P. *Dictionnaire du Théâtre*. Paris: Éditions Sociales, 1990.

PIGNATARI, D. *O que é Comunicação Poética*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, Ana Claudia. *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker, 2005.

OSTROWER, Fayga. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. *Imagem também se lê*. São Paulo: Rosari, 2005.

_____. "O clássico e o barroco: paradigmas perenes? In: MEDEIROS, Maria Beatriz (org). *Arte em Pesquisa: especificidades*. Brasília, UnB, 2004.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Arte*. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHAFER, M. *O Ouvido Pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.

ZABALA, A. "Os enfoques didáticos". In: *O Construtivismo em Sala de Aula*. 6ª. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ⁱ Os PCN em Arte também colocam a Dança como mais uma área da arte, porém, é restrito o número de profissionais desta área atuando em escolas.